

DICIONÁRIO
DO CONCÍLIO VATICANO II

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Camara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dicionário do Concílio Vaticano II / dirigido por João Décio Passos e Wagner Lopes Sanchez . – São Paulo: Paulus, 2015.
– (Coleção dicionários)

Bibliografia.

ISBN 978-85-349-4093-1

1. Concílio Vaticano (2.: 1962-1965) 2. Concílio Vaticano (2.:1962-1965) - Dicionários I. Passos, João Décio. II. Sanchez, Wagner Lopes. III. Série.

15-00946

CDD-262.5203

Índices para catálogo sistemático:

1. Concílio Vaticano II: Dicionários 262.5203

Série DICIONÁRIOS

- *Dicionário bíblico*, J. L. Mckenzie
- *Dicionário de espiritualidade*, dirigido por Stefano de Fiores e Tulio Goffi
- *Dicionário de liturgia*, dirigido por Domenico Sartore e A. M. Triacca
- *Dicionário de mariologia*, dirigido por Stefano de Fiores e Salvatore Meo
- *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, dirigido por Peter Eicher
- *Dicionário teológico da vida consagrada*, dirigido por Aparício Rodríguez e Joan Canals Casas
- *Dicionário bíblico hebraico-português*, Luis Alonso Schökel
- *Dicionário de símbolos*, Udo Becker
- *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*, dirigido por Casiano F. Samanes e Juan-José Tamayo-Acosta
- *Dicionário teológico O Deus Cristão*, dirigido por Xabier Pikaza, O. de M. e Nereo Silanes, O.S.T.
- *Dicionário de pensamento contemporâneo*, dirigido por Mariano Moreno Villa.
- *Dicionário de Mística*, L. Borriello, E. Caruana, M. R. Del Genio, N. Suffi
- *Dicionário de Catequética*, V. Mª Pedrosa, Mª Navarro, R. Lázaro, J. Sartre
- *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, Carlo Rusconi
- *Dicionário de Sociologia*, Luciano Gallino (direção)
- *Dicionário de Filosofia de Cambridge*, Robert Audi (org.)
- *Novo Dicionário de Teologia*, Juan José Tamayo (org.)
- *Dicionário do Concílio Vaticano II*, João Décio Passos e Wagner Lopes Sanchez (orgs.)

DICIONÁRIO DO CONCÍLIO VATICANO II

Coordenação
JOÃO DÉCIO PASSOS e WAGNER LOPES SANCHEZ



PREFÁCIO

Os 50 anos do encerramento do Concílio Vaticano II (1962-1965) estão marcados pela iniciativa inédita e muito bem-vinda do *Dicionário do Concílio Vaticano II*.

É fruto maduro da Igreja do Brasil que, através do seu Plano de Pastoral de Conjunto, o PPC, de novembro de 1965, foi pioneira em sua entusiasmada adesão e aplicação programada do espírito e dos documentos do Vaticano II. Elaborado pela CNBB durante o IV e último período conciliar, o PPC guiou a Igreja do Brasil na sua ação pastoral e na sua reflexão teológica nos dez primeiros anos do pós-Concílio (1966-1975). Continuou inspirando o melhor de suas posteriores Diretrizes para a Ação Pastoral da Igreja do Brasil. Essas incorporaram, por sua vez, as contribuições próprias da Igreja Latino-americana, na sua peculiar e inovadora recepção do Vaticano II, por meio das Conferências gerais do Episcopado Latino-americano de Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007).

É notável que desta vez não tenha partido da CNBB, mas sim de teólogos leigos do Departamento de Ciências da Religião da PUC-SP, João Décio Passos¹ e Wagner Lopes Sanchez,² a iniciativa de revisitar e relançar a herança conciliar, por meio deste Dicionário. Isso demonstra o quanto o próprio corpo eclesial, de modo particular o seu laicato, sente-se responsável por manter viva a tradição conciliar como um bem comum irrenunciável da Igreja compreendida como Povo de Deus, em meio a hesitações e retrocessos que afetaram parte de seu clero, da vida religiosa e do episcopado. Muitos perderam o antigo entusiasmo pelo Concílio e pela renovação da Igreja naquele horizonte da *Ecclesia semper reformanda*, “a Igreja deve sempre reformar-se”. João XXIII dizia que o espelho no qual devia mirar-se para sua renovação eram os evangelhos e a prática de Jesus, de modo a voltar às suas fontes e seguir respondendo aos sempre novos desafios da realidade no hoje da história.

É de se notar também que muitos dos 74 colaboradores do Dicionário pertencem a uma geração nascida depois do Concílio ou que o vivenciaram ainda como crianças ou adolescentes. Fruto direto da revolução conciliar é a presença, embora insuficiente e ainda tímida, de seis colaboradoras que trazem olhar e perspectiva femininos a essa revisitação do Concílio. Presentes durante os dois últimos períodos conciliares, vinte e três mulheres, entre religiosas e leigas, consagradas e mães de família, admitidas à Aula Conciliar e aos trabalhos de algumas comissões e subcomissões, na qualidade de “auditricas”, auditoras, romperam para sempre o monopólio masculino e clerical das vozes

¹ João Décio Passos, *Concílio Vaticano II. Reflexões sobre um carisma em curso*. São Paulo: Paulus, 2014, e *Sujeitos no mundo e na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2014, por ele organizado. Arrancando dos documentos conciliares é abordado o novo protagonismo e missão dos leigos numa Igreja construída a partir do batismo, com leigos e não apenas para leigos.

² Wagner Lopes Sanchez, além de livros e artigos no campo da eclesiologia, do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, que brotam diretamente do Vaticano II, publicou recentemente: *Teologia da cidade. Relendo a Gaudium et Spes*. Aparecida: Editora Santuário, 2013.

autorizadas dentro da Igreja. Inauguraram com o Concílio o sempre maior protagonismo das mulheres no campo da pastoral e da reflexão teológica.³

Dentre os articulistas, o Frei Carlos Josaphat, OP, é a única voz dos que puderam na época contribuir, ainda que não oficialmente, para documentos do Concílio. Do alto dos seus mais de 90 anos, continua com entusiasmo juvenil a partilhar sua experiência da gesta conciliar que empolgou toda uma geração da Igreja.⁴ Outro que pôde acompanhar de perto os trabalhos conciliares das últimas duas sessões, como repetidor de teologia do Colégio Pio Brasileiro em Roma, o Pe. João Batista Libanio, SJ, deixou-nos infelizmente († 20-01-2014). Antes, porém, já havia entregue sua contribuição para o Dicionário.⁵ Libanio legou-nos uma das mais ricas e diversificadas produções teológicas do Brasil, toda ela inspirada pelo Vaticano II e enraizada nas suas intuições mais profundas, além de brindar-nos com uma ágil e abrangente introdução ao Concílio.⁶

O Dicionário vem coroar contribuições pioneiras da Igreja do Brasil em relação ao Vaticano II. Em todo o âmbito latino-americano, Brasil foi a única Igreja que contou com uma Crônica própria do Concílio, em cinco tomos, da lavra do perito conciliar Frei Boaventura Kloppenburg.⁷ A Editora Vozes, que vinha editando na sua Coleção “Documentos Pontifícios” os documentos do Concílio, à medida que iam sendo aprovados, publicou logo em 1966 uma edição completa, bilíngue, em latim e português, das constituições, decretos e declarações do Vaticano II.⁸ Publicou também o *Compêndio* dos documentos conciliares, unicamente em português. Por muitos anos, esta foi a única versão disponível dos documentos em nosso país e que alcançou mais de 40 edições.⁹

Sob a responsabilidade de um perito conciliar brasileiro, Frei Guilherme Baraúna, OFM, foi publicada a mais importante coletânea internacional de comentários sobre três das quatro constituições conciliares: SC, LG e GS.¹⁰ Ficou faltando a publicação de comentários abalizados sobre a *Dei Verbum*. A lacuna bem que poderia ser sanada agora no cinquentenário de sua aprovação no Concílio (1965-2015), à luz da inovadora

³ VALERIO, A. *Presença feminina no Vaticano II. As 23 mulheres do Concílio*. São Paulo: Paulinas, 2014.

⁴ JOSAPHAT, Carlos. *Vaticano II: A igreja aposta no amor universal*. São Paulo: Paulinas, 2013. Frei Carlos é responsável pelos verbetes: Amor / caridade; Cardijn, Joseph; Chenu, Marie-Dominique; colegialidade; Tomás de Aquino.

⁵ Libanio foi o responsável pelos seguintes verbetes do Dicionário, em parceria com Alex Gonçalves Pin da FAJE: Concepções teológicas; João Paulo II; Mundo; Modernidade.

⁶ LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005.

⁷ B. KLOPPENBURG, *Concílio Vaticano II*; vol. 1: *Documentário pré-conciliar*, Petrópolis 1962; vol. 2: *Primeira sessão (1962)*, Petrópolis 1963; vol. 3: *Segunda sessão (1963)*, Petrópolis 1964; vol. 4: *Terceira sessão (1964)*, Petrópolis 1965; vol. 5: *Quarta sessão (1965)*, Petrópolis 1966.

⁸ *DOCUMENTOS DO VATICANO II, Constituições, Decretos, Declarações* (edição bilíngue com texto português revisto pelos Subsecretários da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil; Prefácio, Frei Boaventura Kloppenburg OFM), Petrópolis, 1966.

⁹ *COMPÊNDIO DO VATICANO II, Constituições, Decretos, Declarações* (Introdução e Índice analítico, Frei Boaventura Kloppenburg OFM.; Coordenação geral, Frei Frederico Vier OFM), Petrópolis, 1966. Bem mais tarde, outras editoras católicas ofereceram com tradução própria os documentos conciliares. Paulus publicou, em 1997, *Documentos do Vaticano II* (7ª reimpressão em 2014). Paulinas, em 1998, sob a responsabilidade de Francisco Catão, publicou *Vaticano II – Mensagens, Discursos e Documentos* (2007, 2ª ed. com 3ª reimpressão, em 2014). A Editora ofereceu também em CD-Rom, coordenado por M. Gloria Bordeghini, *Os Documentos do Vaticano II*, 2003.

¹⁰ BARAÚNA, G. (org.), *A Sagrada Liturgia renovada pelo Concílio*, Petrópolis, 1964.

-----, *A Igreja do Vaticano II*, Petrópolis, 1966.

-----, *A Igreja no mundo de hoje*, Petrópolis, 1967.

caminhada da leitura popular da Bíblia e do notável empenho ecumênico que floresceu com a criação de organismos, revistas e a produção de traduções e comentários, numa até então inédita cooperação entre biblistas de diferentes Igrejas cristãs. Na Igreja Católica, o recente Sínodo sobre a Palavra de Deus, com sua posterior Exortação pós-sinodal *Verbum Domini*,¹¹ é um incentivo a mais para esta revisitação da Constituição Dogmática *Dei Verbum*.¹²

Reiteramos o ineditismo do presente Dicionário, em meio ao renovado interesse pelo Concílio, por ocasião do seu cinquentenário.¹³

Outras Igrejas deram contribuições únicas para o reencontro com o Concílio, mas nenhuma se lançou na confecção de um Dicionário. A Itália brindou-nos, sob a direção do Prof. Giuseppe Alberigo, à frente do Istituto per le Scienze Religiose de Bolonha, hoje Fondazione Giovanni XXIII, a mais importante série de estudos históricos sobre o Concílio.¹⁴ Esse empenho culminou com a monumental *História do Concílio Vaticano II*, levada adiante com equipes de pesquisadores nos vários continentes.¹⁵

A Holanda, no imediato pós-Concílio, lançou por iniciativa do Instituto Catequético Superior de Nijmegen o *Novo Catecismo. A fé para adultos*, mais conhecido como *Catecismo holandês*, numa corajosa e atualizada síntese da doutrina cristã, à luz do Concílio, e que permanece um marco da recepção conciliar.¹⁶

A Igreja da Alemanha empreendeu, à época do Concílio, uma segunda edição, em dez volumes, do prestigioso *Lexikon für Theologie und Kirche* (LThK, 1ª ed., 1930-1938), cujos verbetes incorporam as mudanças trazidas pelo Concílio.¹⁷ Acrescentou, ademais, à nova edição, três tomos dedicados aos documentos conciliares, com introdução e comentários dos mais abalizados teólogos europeus. O terceiro tomo agregou ainda, sob a responsabilidade de Giovanni Caprile SJ, uma detalhada Crônica do período conciliar, que começa com a eleição de João XXIII em outubro de 1958 e se prolonga até 1968,

¹¹ XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (05 a 25 de outubro de 2008). Bento XVI: *Exortação apostólica pós-sinodal Verbum Domini sobre a Palavra de Deus na vida e no ministério da Igreja*. Roma, 30-09-2010.

¹² Paulinas, com sua coleção "Revisitar o Concílio" em que foram publicados, com texto e comentários, todos os documentos do Vaticano II, dedica um dos volumes à *Dei Verbum*, com comentários de Geraldo Lopes.

¹³ As editoras católicas, cada uma a seu modo, procuraram contribuir para a revisitação do evento conciliar, no seu jubileu. Paulinas ofereceu a contribuição mais abrangente com sua coleção "Revisitar o Concílio Vaticano II", que já publicou 16 títulos; Loyola lançou em 2014 o instigante livro de O'MALLEY, John W. *O que aconteceu no Vaticano II*, e Paulus, a Coleção "Marco Conciliar", sob a coordenação editorial de Wagner Lopes Sanchez e João Décio Passos, já com 4 títulos. Vozes, sob tantos títulos, a mais importante editora brasileira em relação ao Concílio, contribuiu apenas modestamente neste cinquentenário, ao publicar nova edição e comentário à SC: *Sacrosanctum Concilium. Constituição do Concílio Vaticano II sobre a Sagrada Liturgia* – Edição jubilar. BECKÄUSER, Frei Alberto, 2013.

¹⁴ Cf. FAGGIOLI, Massimo. *Vaticano II. A luta pelo sentido*. São Paulo: Paulinas, 2013, pp. 134-140.

¹⁵ ALBERIGO, Giuseppe (ed.) *História do Concílio Vaticano II*, 5 vols., 1995-2001, editada por Peeters de Leuven e que saiu publicada em italiano, inglês, francês, espanhol, alemão, português e russo. A edição brasileira foi a primeira a sair em 1995, pela Editora Vozes, mas sua publicação foi interrompida logo após o segundo volume, faltando os três últimos para ser completada.

¹⁶ *Novo Catecismo. A fé para adultos*. São Paulo: Herder, 1969. O Credo do Povo de Deus, lido por Paulo VI no encerramento do Ano da Fé (30-06-1968) é sob muitos aspectos um contraponto a determinadas posições do Catecismo holandês. A íntegra do Credo pode ser acessada pelo link: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/motu proprio/documents/hf_p-vi_motu proprio_19680630_cred.html

¹⁷ A segunda edição do LThK (1957-1968) foi coordenada por Joseph Höfer e por Karl Rahner, um dos mais proeminentes teólogos do Concílio. A terceira edição (1993-2001) foi organizada pelo Cardeal Walter Kasper.

colhendo a imediata recepção do Concílio. Compreende ainda um detalhado estudo do percurso de cada um dos esquemas da fase preparatória, seguido da mais completa bibliografia do que se produziu sobre o Concílio naqueles anos. O LThK é, entretanto, o grande Dicionário teológico-histórico do mundo acadêmico germânico, mas não um Dicionário do Concílio. Sob a direção de Peter Hünnermann, a Universidade de Tübingen empreendeu, aos 40 anos do término do Concílio, monumental revisitação da obra conciliar em cinco volumes. Ofereceu uma nova tradução crítica dos documentos, novos comentários e um balanço da recepção conciliar.¹⁸

À guisa de conclusão, retomamos o propósito que inspirou o Dicionário nas palavras dos seus organizadores, ao mesmo tempo que felicitamos a Editora Paulus pela acolhida a essa preciosa contribuição aos estudos e aprofundamento do Concílio:

“O presente *Dicionário do Vaticano II* se apresenta como uma proposta de leitura das orientações conciliares, consciente dessa realidade ambígua que se tornou mais visível entre nós nos últimos tempos, após um consenso renovador vivenciado pelas Igrejas de nosso Continente. Não pretende ser a verdade sobre o Concílio, mas oferecer chaves de leitura sobre o que acredita ser seu significado fundamental, em nome da coerência da fé e da razão, tendo o olhar voltado para a Igreja latino-americana”.¹⁹

José Oscar Beozzo

São Paulo, 12 de março de 2015

¹⁸ HÜNNERMANN, Peter (ed.). *Herders Theologischer Kommentar zum Zweiten Vatikanischen Konzil*. Freiburg: Herder, 2005, vol. 5.

¹⁹ SANCHEZ, Wagner L. e PASSOS, João Décio (orgs.), *Dicionário do Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, pp. 6 e 7.

INTRODUÇÃO

*Iluminada pela luz deste Concílio,
a Igreja, como esperamos confiadamente,
crescerá em riquezas espirituais e,
recebendo a força de novas energias,
olhará intrépida para o futuro.*

João XXIII

O Concílio Vaticano II completa 50 anos. O maior, em número de participantes, dentre os 21 Concílios realizados pela Igreja Católica. Foi o Concílio que se propôs a colocar a Igreja em diálogo com o mundo moderno, depois de uma demorada oposição e de esforços lentos de aproximação e de compreensão. Ainda que tardio, esse esforço produziu uma nova imagem e uma nova autocompreensão da própria Igreja e uma nova prática eclesial. Tratava-se, na intuição de seu progenitor, de um *aggiornamento* da tradução da fé cristã-católica aos tempos contemporâneos, o que permitiria à Igreja realizar sua missão no mundo com maior coerência e clareza. O resultado dessa inspiração, que brotara como “flor de inesperada primavera” do coração do “Papa bom”, se fez projeto e caminho na grande assembleia, orientada que foi pela experiência de aprendizado dos padres conciliares segundo as regras do diálogo. Não se tratou, evidentemente, de diálogo fácil, mas, como toda relação intersubjetiva, de uma busca de rumos, de conteúdos e de linguagens que fizesse jus ao chamado de João XXIII.

O Concílio realizou-se como sínodo construído na dinâmica da comunhão e da diversidade. As múltiplas realidades eclesiais, as diversas concepções teológicas e a alteridade do mundo moderno estiveram presentes nos debates e nas decisões conciliares como forças divergentes que buscavam, a todo momento, a confluência mais precisa, a expressão mais coerente com a tradição e a linguagem mais adequada para a humanidade de então. Na rota do diálogo, o Concílio se fez e sob sua regra entendeu a missão e a própria natureza da Igreja. A Igreja conciliar saiu de si mesma na direção do outro: do ser humano marcado pelo drama do bem e do mal, do mundo moderno portador de um admirável desenvolvimento e de decisões desumanas, de uma ciência que explora os mais recônditos domínios racionais e que, muitas vezes, nega os valores mais profundos da humanidade e o próprio Criador, de uma ordem política mundializada que agrega as nações e usufrui do progresso, mas que, ao mesmo tempo, convive com terríveis injustiças, com as desigualdades e com as guerras. Nesse mundo real e ambíguo o Vaticano II colocou a Igreja como servidora da vida e da verdade, como mestra e como aprendiz. Ao encerrar o grande evento, o Papa Paulo VI dizia que o Concílio havia promovido o encontro do “Deus que se fez homem com o homem que se fez Deus”. O mundo e a Igreja são entendidos como grandezas distintas, porém

relacionadas pelo mistério comum e maior do Reino de Deus que se estende desde a criação, se concretiza em Jesus Cristo e busca sua comunhão definitiva no próprio Deus, seguindo seu desígnio inefável e amoroso. A Igreja, por sua vez, não pode ser outra coisa senão a servidora do Reino no mundo e, para tanto, se mantém em atitude de discernimento permanente dos sinais dos tempos: busca de compreensão das linguagens do mundo atual, daquilo que elas oferecem de verdade e de bondade e que podem confluir com a Palavra revelada de Deus e, por fim, animadas pela mesma palavra, transformar o mundo em Reino de Deus.

A Igreja que recebe o Vaticano II está marcada por essa dinâmica em cada realidade em que se encontra. O Concílio deixou como herança eclesiológica essa postura. Para além de definições exatas e jurídicas do certo e do errado, do permitido e do não permitido, como fizeram outros Concílios, o Vaticano II coloca no espírito e na letra um novo modo de ser Igreja no mundo, para o qual convoca todo o povo de Deus para discernir e para agir. Trata-se de nova era eclesial, marcada pela responsabilidade de cada sujeito eclesial que compõe a comunhão do mesmo Corpo perante o mundo a ser evangelizado, ou seja, colocado na rota dos valores do Reino de justiça e de fraternidade. Nesse mundo, a Igreja celebra seu mistério e para esse mundo se volta como servidora. Supera-se a atitude de fortaleza perante o mundo em declínio e ameaçador; de comunhão de salvos em oposição aos apóstatas; de possuidores da verdade diante dos defensores da mentira. A Igreja aberta ao mundo, em sintonia crítica e criativa com o mesmo e em permanente reforma de si mesma, demarca a novidade conciliar.

O Papa Francisco retoma com limpidez essa postura eclesial em sua Exortação *Evangelii Gaudium*, e convoca todo o povo de Deus a sair de si mesmo na direção do Evangelho e do mundo, de modo particular das periferias existenciais e dos pobres. Francisco leva ao centro de comando da Igreja essa recepção conciliar feita na América Latina nos anos que seguiram ao Vaticano II. Na idade de ouro do grande evento, o Espírito soprou na Igreja e trouxe à tona o coração das decisões conciliares pelas mãos do novo bispo de Roma que veio “do fim do mundo”. A Igreja retoma de modo vigoroso o carisma conciliar que, durante essas cinco décadas, muitas vezes se abateu na rotina e na segurança das afirmações institucionais operadas na afirmação da doutrina correta, da centralidade da função clerical e da disciplina moral. Inflada de uma teologia autocentrada da Igreja e carente de uma teologia do mundo, essa tendência tornou-se majoritária na Igreja, do ponto de vista prático e teórico. A justificativa da continuidade da tradição se sobrepôs a qualquer intento de renovação apresentado em nome da renovação conciliar. Se essa segurança ruiu nos últimos tempos e cedeu lugar às reformas de Francisco, ela ainda persiste em estruturas e postos eclesiais em plena ação. As renovações desejadas e orientadas pelo Vaticano II ainda não são unanimidade, nem mesmo como ideia. Persistem, ainda, interpretações diversas que retornam à tradição pré-conciliar como fonte normativa para ideias e práticas eclesiais atuais, em atitude de indiferença ou até mesmo de rejeição explícita às heranças do Vaticano II.

O presente *Dicionário do Vaticano II* se apresenta como proposta de leitura das orientações conciliares, consciente dessa realidade ambígua que se tornou mais visível entre nós nos últimos tempos, após um consenso renovador vivenciado pelas Igrejas de nosso Continente. Não pretende ser a verdade sobre o Concílio, mas oferecer chaves de leitura sobre o que acredita ser seu significado fundamental, em nome da coerência da fé e da razão, tendo o olhar voltado para a Igreja latino-americana. O trabalho foi idealizado e realizado acreditando, antes de tudo, na continuidade da grande tradição da Igreja por parte do Concílio, que buscou precisamente beber da fonte fundamental da Palavra de Deus, assim como das fontes patrísticas e da tradição posterior para poder dialogar com o mundo contemporâneo. O Vaticano II dá continuidade à grande Tradição como a última palavra normativa do Magistério extraordinário, da qual se retira o parâmetro para ler e viver a herança do Evangelho de Jesus Cristo transmitido de geração em geração na força do Espírito que impulsiona a Igreja até o fim do mundo, e a faz entender as diversas línguas das diversas culturas, como ensina a cena de Pentecostes (cf. At 2,1-13). A Tradição é a transmissão renovada do carisma cristão em cada tempo e lugar, processo que preserva e renova, que faz rupturas na continuidade e que resguarda a substância renovando a forma de expressão, como ensinava João XXIII na abertura dos trabalhos conciliares. Nesse sentido, o último Concílio é sempre um parâmetro para acolher e compreender o passado da fé vivenciado e formulado pela Igreja, o lugar vital de onde se lê o que foi construído como verdade de fé pelo povo de Deus. É precisamente entre o passado fundante da fé, testemunhado pelos textos bíblicos, e o hoje da mesma fé, vivenciado na atualidade do Cristo vivo na Igreja e no mundo, que a longa Tradição encontra seu lugar e sentido, como ponte que faz a ligação contínua no tempo único: o futuro realizado na Palavra encarnada. Nesse tempo a Igreja é *semper reformanda*, continuadora fiel da missão encarnatória da Palavra em cada época e lugar. Nessa fé, o Vaticano II permanece como *aggiornamento* permanente da Igreja, carisma em ação que se torna fonte revigorante que continua indicando a direção para a Igreja em nossos dias.

O *Dicionário do Vaticano II* quer estar a serviço do significado das orientações conciliares desde um lugar histórico-eclesial preciso: a experiência de recepção do Concílio no Brasil e na América Latina. A partir desse lugar hermenêutico oferece suas chaves de leitura que se fazem presentes no conjunto do trabalho, mas também em cada verbete. A escolha de cada um deles reflete, evidentemente, esse lugar hermenêutico, do mesmo modo que a composição dos mesmos por parte de seus autores. O trabalho está convicto de que a reforma permanente da Igreja é decorrente da própria fé, em sintonia com o magistério local e com o magistério do Papa atual. Está longe de ser uma obra completa e muito menos de possuir a interpretação verdadeira do maior dos Concílios. As chaves de leitura possibilitam abrir algumas e talvez muitas portas sobre o significado histórico-eclesial do Concílio, sabendo que existem muitas outras entradas que ainda deverão ser abertas nessa era eclesial em pleno curso e carregada de reserva de sentido, a ser desvelada em nome da fé e da razão. Os verbetes dizem,

por meio de um conjunto selecionado de termos, o significado do evento conciliar e pretendem ser também uma boa dicção sobre o assunto, bem como dizê-lo mais uma vez e em voz alta. Sabemos, porém, dos limites desse conjunto de dizeres perante a grandeza e a complexidade do grande Concílio. As palavras aqui colecionadas em ordem alfabética são apenas um serviço abnegado de muitos autores que acreditam na reforma permanente da Igreja encomendada pelo Concílio e que ainda está em curso.

O *Dicionário*, portanto, é o resultado de um trabalho de setenta e quatro autores e, nesse, sentido, é feito de diversidade de estilos e até de pensamentos. Os autores que se dispuseram a formular os verbetes oferecem, no âmbito do propósito geral acima exposto, seu esforço de formular em cada temática o pensamento conciliar. O corpo dos verbetes compõe-se de três tipos: verbetes temáticos – que sistematizam a questão a partir do espírito e da letra conciliares; verbetes de personagens – que descrevem de modo sucinto a biografia e a atuação do sujeito no Concílio; verbetes técnicos – que indicam o significado de fatos e funções que fizeram o grande evento e, por fim, verbetes que expõem questões que resultaram da recepção conciliar. Ao final são apresentadas informações complementares sobre o Concílio: um cronograma dos trabalhos, desde o anúncio até o encerramento, e uma lista completa dos sujeitos que fizeram de modo direto ou indireto o grande evento: os padres conciliares, os peritos, os auditores/auditoras e observadores.

Os verbetes estão acompanhados de três ferramentas que têm a finalidade de facilitar ao leitor a compreensão dos diversos temas e a conexão entre eles. Uma dessas ferramentas é a indicação em cada texto, com ρ , de palavras que remetem o leitor aos verbetes presentes no *Dicionário*. Outra ferramenta é a apresentação, ao final de cada verbete, de uma relação de termos correlatos aos quais cada tema remete. Por último, também no final de cada verbete, é apresentada tanto a bibliografia utilizada pelos autores na elaboração como também títulos indicados por eles para um eventual estudo por parte do leitor.

Apresentamos aos estudantes e estudiosos, aos engajados nos mais diversos serviços eclesiais e aos interessados em conhecer a Igreja Católica essa ferramenta que dicionariza o Vaticano II. Não mais que ferramenta, as informações oferecem um caminho de compreensão do processo conciliar e das orientações emanadas de cada um dos Documentos promulgados pelo Concílio.

O projeto do *Dicionário*, elaborado no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC-SP, foi acolhido prontamente pela Editora Paulus. Os organizadores, cientes dos eventuais limites e lacunas de um trabalho deste tipo, agradecem a colaboração de todos os autores, que desde o início aceitaram contribuir com este projeto. Organizadores e autores inserem-se dentro da grande corrente que deseja revitalizar a Igreja a partir das inspirações do Concílio Vaticano II.

A grande maioria dos sujeitos da primeira hora já se foram e nos deixaram o legado conciliar como dom e tarefa. Nas palavras de Paulo VI, “o Concílio deixa (...) após si

algo que dura e que continua a agir. O Concílio é como um manancial que dá nascimento ao rio. Pode a fonte estar situada ao longe, mas a corrente do rio nos segue” (Audiência Geral de 12-01-1966). Somos hoje os continuadores da obra conciliar.

João Décio Passos
Wagner Lopes Sanchez
Coordenadores do Dicionário